



“O QUE VOU SER QUANDO CRESCER?”: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA EXTENSIONISTA DE SENSIBILIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA

“WHAT AM I GOING TO BE WHEN I GROW UP?”: REFLECTIONS ON AN EXTENSIONIST PRACTICE OF SENSITISATION IN A PUBLIC SCHOOL

Ana Cláudia Mourão de Lacerda¹
Anna Juliane Barbosa Ricardo da Silva²
Henrique Fernando Rodrigues Sousa³
Tâmara Rayanna Alves Melges⁴
Vítor Miranda Batista Pereira⁵
Maria da Penha Zanotelli Felipe⁶

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade apresentar uma intervenção que se debruçou nas escolhas profissionais de alunos de uma escola pública de Belo Horizonte, visando promover uma discussão e reflexão que leve em consideração os vários aspectos que perpassam o momento da escolha profissional. Os alunos que participaram deste trabalho na escola, caracterizam-se por estarem prestes a concluir o ensino médio. O recorte deve-se ao fato de que, embora seja um período difícil para os adolescentes, a escolha da profissão é algo que todos terão que vivenciar de forma significativa. Nesse contexto surgem algumas inquietações acerca de quais são essas profissões, como se veem imersos no mercado de trabalho em uma sociedade em constante modificação e como saber se a escolha foi a correta. A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste na realização de uma oficina tendo auxílio de variadas técnicas de grupo em orientação profissional, com 13 alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Belo Horizonte. Ao término da prática, observou-se que a intervenção realizada serviu como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam a escolha profissional dos adolescentes e que possa suscitar novas discussões que propiciem uma maior consciência a respeito desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação Profissional; Escola; Escolha profissional; Adolescência.

ABSTRACT: This article aims to present an intervention focused on the student's professional choices from a public school in Belo Horizonte. It aims to promote a discussion and reflection that consider the various aspects involved on a professional choice. The students who participated on this research, are close to finish high school. This research focus is due to a tough teenager's moment of professional choices. In this context, some concerns arise about what these professions are, how they see themselves in the labor world market by a society that is constantly changing and how to know if the choice was the right one. The methodology used in this research consists on a workshop using various professional dynamics group, applied to 13 students from the 3rd grade of a High School, located in Belo Horizonte. At the end of the research, it was observed that the intervention performed served as a support for a better understanding of the issues that permeate the professional teenagers choices.

KEYWORDS: Career advice; School; Professional choices; Teenagers.

¹ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e pós graduanda em Avaliação e Diagnóstico Psicológico pelo IEC – PUC Minas. annaclaudyalacerda@gmail.com

² Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. annajubrs@gmail.com

³ Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e pós graduando em Avaliação e Diagnóstico Psicológico pelo IEC – PUC Minas. henrique.frs23@gmail.com

⁴ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. tamaramelges1594@gmail.com

⁵ Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. viitormiranda@gmail.com

⁶ Orientadora e professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. zano@pucminas.br

1 INTRODUÇÃO

Realizar uma escolha profissional, construir um planejamento de carreira ou traçar um plano a longo prazo pode ser tarefa difícil, em virtude das múltiplas possibilidades de atuação e oportunidades de carreira a serem seguidas. Nesse aspecto, o presente trabalho traz uma reflexão acerca da importância da orientação profissional, levando em conta as atividades desempenhadas pelos alunos do curso de psicologia com estudantes do ensino médio em uma escola belorizontina.

Em face dessas considerações, Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) concordam que as novas configurações trabalhista e de mercado exigem qualificação e mão de obra eficaz para operar não só recursos ferramentais, mas também os recursos humanos. Desta maneira, propor ações que permitam desenvolver tanto as pessoas como recursos para atingir os meios, é fundamental se levadas em conta as exigências profissionais e de qualificação de mercado. Com isso, referente à proposta extensionista realizada na disciplina de Orientação Profissional do curso de psicologia da PUC Minas campus São Gabriel, buscamos além de compreender a realidade de jovens e seus anseios quanto à escolha profissional, realizar um projeto, juntos dos alunos, de escolha profissional. Ainda, é essencial que se esclareçam questões que atravessem a adolescência e iminência de uma escolha que reflete durante todo o futuro e percurso do sujeito discutindo fatos que repercutem nas escolhas dos estudantes.

Para compreensão do que os alunos podem escolher e enxergam como possibilidade, é preciso levar em conta o contexto em que os mesmos se inserem, pois, o processo de orientação profissional, pode, na visão de Andrade, Meira e Vasconcelos (2002), contribuir para que os jovens realizem suas escolhas levando em conta o contexto econômico, social e cultural a que se inserem. Isso fornece subsídios para nortear um trabalho que acompanhe as principais questões em relação a predileção, vocação e aptidão desses jovens.

Dessa maneira, um trabalho voltado para a orientação profissional foi realizado em uma escola belorizontina no ano de 2017, com jovens da faixa etária entre 16 e 17 anos, que estavam prestes a concluir o ensino médio. Devido ao número de encontros e pelo fato de não atravessar todas as fases de uma orientação propriamente dita, este trabalho foi uma prática de sensibilização dos alunos que se encontram nesta fase na vida. Esta escolha se deu devido ao fato de que a fase da adolescência, ao qual se encontram os alunos, corresponde a uma fase de questionamentos constantes, por perspectivas ímpares e atravessada por diversas implicações na construção da identidade do sujeito (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2003). É notório que possa haver conflitos e influências constantes de todos os setores sociais na vida dos su-

jeitos, porém, a adolescência pode sofrer com maior intensidade estas implicações pelo fato de que a formação da identidade se acentua mais nessa fase em questão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na multiplicidade de eventos e processos que perpassam a sociedade, escolher uma carreira ou profissão pode ser um momento de dúvida e incertezas. No mundo laboral, a produtividade, a qualquer custo e a necessidade de exercer um ofício vinha da lógica industrial que avalia aptidões para eventuais desígnios de função profissional (SOARES, 1999). No entanto, se levada a possibilidade inerente ao sujeito de escolher a profissão, pode ser alternativa à uma orientação adequada de sua trajetória profissional.

Nesse sentido, a orientação profissional pode ser entendida como a prática pela qual o sujeito pode, de acordo com seus recursos econômicos e sua vivência política, educacional e social, escolher conscientemente uma profissão ou realizar um projeto de carreira que seja capaz de seguir. (SOARES *et al*, 2007). Tendo em face a importância de um processo de orientação profissional, o sujeito pode ser compreendido em suas dimensões sócio históricas e culturais, que então, fornecem subsídios para que se entenda suas vontades, predileções, aptidões e anseios de uma carreira, afinal, “[...] o homem objetivamente transforma o mundo e subjetivamente é também transformado enquanto atua” (SOARES *et al*, 2007, p. 750).

Concordando com tal enunciado, Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) concordam que a orientação profissional, entendida como processo pelo qual o sujeito constrói sua carreira com ajuda de um profissional capaz, é o momento em que as pessoas podem ser capazes em tomar suas próprias decisões, o que leva em conta todo seu contexto de vida. Não obstante, conforme salienta Soares (1999), a experiência também de um profissional qualificado e sua formação podem ser fatores para um bom trabalho de orientação. É preciso, no entanto, equilibrar e ponderar as informações e entender as etapas do processo de escolha pessoal, respeitando, sobretudo, o espaço do sujeito para que se sinta apto a realizar suas decisões de forma ativa e participativa.

Embora a definição de adolescência ainda esteja atrelada a paradigmas médicos, individualistas e por parâmetros socioeconômicos (FONSECA, 2003), pode se entender essa fase como um processo de transição entre o período da infância para a fase adulta, sendo marcada por diversas transformações corporais, hormonais e é um período de crise cujo questionamento e rupturas estão mais presentes, tornando-se um espaço de reflexão sobre os conflitos. (ROHERS, 2010). No entanto, pode-se pensar que a fase em questão é vivida de maneiras

diferentes dependendo da cultura e da sociedade que o indivíduo está inserido. A identidade e a autonomia, como exemplos, são questões que podem perpassar a adolescência, levando a questionamentos e rompimentos com os modelos já impostos enquanto crianças e com aqueles do mundo adulto, que lhes rodeiam.

Tendo em face tais fatos, segundo Almeida e Pinho (2008), o adolescente possui uma enorme necessidade de se diferenciar sobre os demais, e a escolha profissional é um grande passo para a conquista de sua independência emocional e psicológica na formação de sua própria identidade. A adolescência é tida como um momento para tomadas de decisões, pois é neste período que são feitas várias escolhas. É um grande momento para refletir sobre as expectativas e a sua postura perante a vida adulta, possibilitando que o sujeito assuma suas responsabilidades.

Em se tratando da adolescência, está é uma fase atravessada por conflitos de escolhas, pois, Freitas, Sousa e Júnior (2012) abordam que diante de tantos conflitos, o medo de errar ou de decepcionar os familiares, por parte dos adolescentes, é enorme, fazendo com que atendam essas expectativas sem uma avaliação crítica da mesma. A escolha profissional é um momento importante nesse período da adolescência. Sabemos que o trabalho ocupa um lugar de destaque na vida do indivíduo, pois este, permite a construção de uma identidade, confirma um papel social e uma certa independência. (FREITAS, SOUSA, JÚNIOR, 2012). No entanto, um dos aspectos geradores de ansiedade é a falsa concepção de que ao escolher uma profissão, ela será para o resto da vida. Ideia essa que pode ser mudada ao longo da sua formação escolar/pessoal e até mesmo caso já esteja em uma profissão e tenha vontade de mudar.

Segundo um estudo feito por Primi *et al* (2000) as maiores dificuldades enfrentadas pelos adolescentes antes e durante o processo da escolha profissional, se resumem em fatores como a falta de preparo e motivação, indecisão e mitos (expectativas irracionais); a falta de informação sobre o processo de decisão profissional, de si próprio, das profissões; e sobre as maneiras de conseguir tais informações além de conflitos internos e externos. Apesar dessa realidade, o mundo ao redor não para e, muitas vezes, exige do adolescente um posicionamento, mesmo quando não se sentem prontos, com isso, a primeira decisão profissional é um dos momentos em que os jovens mais se confrontam com a dificuldade da escolha.

Tendo isso em vista e com o crescimento de vários recursos tecnológicos, os adolescentes buscam de maneira informal a respeito das profissões que consideram importantes. Nem todos os adolescentes são maduros o suficiente para realizar a escolha, alguns precisam de ajuda nessa fase, entretanto é possível que a escolha seja mais efetiva quando feito uma reflexão levando em conta todos os determinantes possíveis.

Considerando as possibilidades de orientar o jovem durante este processo de escolha, não basta limitar a escolha apenas para uma formação universitária, a orientação profissional possibilita caminhos que vai para além da escolha de um curso de graduação após o término do Ensino Médio. A busca pela graduação ou ocupação de algum cargo profissional, está atrelada a busca por uma ascensão social por parte da classe popular que lida com a pressão de ter que conseguir através do mérito ocupar o espaço da universidade pública. (FONSECA, 2003). Contudo, seria importante ressaltar quais as práticas da escola pública em relação aos alunos que vão concluir a vida escolar e iniciar uma nova etapa da vida.

Atualmente no Brasil como forma de ingresso em uma universidade, existe o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que consiste em uma prova utilizada como parâmetro para estabelecer quais os alunos que podem, através das maiores notas, ocupar uma das vagas das universidades públicas e privadas do país. A prova em questão é principal foco de intervenção do professor em relação aos seus alunos que estão prestes a realizar o exame. Neste contexto, procedimentos de intervenção e orientação profissional se fazem importante se considerada a ansiedade que pode ser fator agravante no momento da adolescência e durante o período escolar e de vestibulares. A escola possui um papel importante na orientação profissional ao estimular a busca de informação sobre o mundo do trabalho, incentivar a reflexão sobre as escolhas possíveis, podendo realizar atividades que visam sensibilizar o adolescente. Importante se atentar ao contexto dos indivíduos oriundos de diferentes classes sociais e sobre suas expectativas (PAIVA, 2016). Pensando nisso, considerar que todos os estudantes buscam apenas escolher um curso de graduação para iniciar essa nova etapa de vida, é uma concepção equivocada sobre o processo de orientar os alunos. Os jovens podem lidar com algumas frustrações neste processo, considerando as variáveis que interferem na construção de um projeto de vida, como as questões familiares, sociais e econômicas que perpassam a realidade de cada indivíduo.

Tais fatos convergem com que explicita Lucchiari (1993), ao dizer que um trabalho de orientação profissional com alunos do segundo grau deve sobretudo ser o mais claro possível, propiciando elaboração de um projeto de vida apoiado no conhecimento da realidade do mundo de trabalho. No entanto, o trabalho, ainda segundo a autora, só obtém êxito se houver a participação ativa do sujeito, para que, a partir daí, experimente possibilidades de escolha. Ademais, são necessárias divisões temáticas para trabalhar os conteúdos e reflexões acerca da orientação, como exemplo, a discussão sobre a escolha fazendo alusão à relação homem-trabalho como também, fornecer informações adequadas que propiciem um debate construtivo.

Nos grupos de orientação profissional, segundo Esborgeo (2008), os integrantes podem trocar informações e relatar experiências, contribuindo uns com os outros. É possível também utilizar técnicas que favoreçam o adolescente a compartilhar os sentimentos, problemas e vivências que perpassam a esse momento tão difícil enriquecendo sua possibilidade reflexiva e autoconhecimento. Ainda de acordo com a autora, nesse tipo de intervenção os integrantes do grupo têm oportunidade de aprender novas informações nesse intercâmbio de ideias entre eles, recebem um suporte social e emocional, compartilham suas experiências e permitem também trocar informações sobre as pesquisas realizadas e as opiniões que cada um tem desenvolvendo o conhecimento interpessoal.

Nesse sentido, pode-se entender que o processo da orientação profissional realizado de maneira grupal, auxilia em termos de compartilhar o que sentimentos, valores, angústias e expectativas. Por ser uma fase em que estão passando ao mesmo tempo, os integrantes do grupo podem contribuir num sentido mútuo e recíproco, em que um ouve ao outro e partilha de seus questionamentos. Isso não quer dizer que será algo completamente livre e sem direcionamento. Segundo Lucchiari (1993), escolher uma profissão é dificultoso para os jovens face a gama de opções profissionais que existem. A partir disso podemos dizer que a orientação profissional é algo direcionado, que possui certos pontos a seguir, e que fazem os participantes refletirem sobre o que está sendo proposto.

Outros fatores muito presentes neste momento de escolha são os valores e a expectativa impostos pela sociedade e até mesmo pela própria família. Para o jovem, é um momento de descobertas, sobre si e sobre o mundo, e ele possui um grande acesso a informações, o que pode levar a muitas dúvidas. Para ajudar a facilitar o processo de escolha, Lucchiari (1993) aponta três aspectos a serem trabalhados: a) conhecimento de si mesmo; b) conhecimento das profissões; c) escolha propriamente dita.

O atendimento em grupo possui algumas vantagens, como apresenta Levenfus (1997), sendo elas: 1) O atendimento em grupo ser algo válido devido ao fato de que em grupo o adolescente sente-se aliviado em algumas questões, como por exemplo, a fantasia de que apenas ele passa por determinadas situações; 2) A visão do outro ajuda na visão de si mesmo; 3) Ao trazer suas questões, o jovem auxilia os demais no sentido de sua escolha; 4) Há uma facilidade para utilizar técnicas dramáticas, as quais os participantes encontram maior facilidade para se expressar.

3 METODOLOGIA

A prática, orientada por uma oficina, teve por finalidade trabalhar com os significados afetivos e vivências que se relacionam com o que pode ser discutido em grupo. (AFONSO, 2000). Nesse aspecto, optou-se por essa metodologia de trabalho em virtude dessa possibilidade de serem trabalhadas questões em grupo que refletem pontos tanto conscientes quanto inconscientes, permitindo a partilha de experiências. Ainda nesse sentido, Afonso (2000) considera que a oficina permite um trabalho que se oriente com a inter-relação entre cultura e subjetividade, podendo além disso, flexibilidade de planejamento de acordo com o que é abordado com o grupo e com os conteúdos que possam surgir.

Utilizando como base teórica algumas técnicas desenvolvidas por Lisboa e Soares (2000) e Bohoslavsky (1977), estas foram selecionadas de forma a proporcionar uma reflexão ampla e profunda em relação ao processo da escolha profissional. Além disso, as técnicas têm por objetivo, sensibilizar os jovens na escolha consciente e segura de sua escolha profissional, estimulando o pensamento crítico a respeito de suas possibilidades, levando em consideração desde os aspectos como interesses pessoais e aptidões até o dinamismo do mercado de trabalho. A abordagem que o grupo elegeu como melhor forma de adequação ao contexto do trabalho que realizaríamos foi a abordagem grupal, que segundo Soares e Krawulski (2010), é uma forma de se construir uma identificação recíproca entre os membros participantes, promovendo um enriquecimento pessoal a partir da troca de ideias e experiências.

A oficina foi conduzida por 6 acadêmicos de Psicologia e realizada com 13 alunos, sendo 8 meninas e 5 meninos, na faixa etária de 16 e 17 anos, de uma escola que se localiza na Zona Nordeste da cidade de Belo Horizonte, durante 5 encontros com duração aproximada de 1 hora e 30 minutos cada. Os alunos se encontravam no 3º ano do ensino médio, formando-se no ano de 2017. Todos os encontros aconteceram no período de 19 de setembro à 18 de outubro de 2017, sempre na parte da manhã. A escolha do tempo de duração da oficina se deu por uma questão onde ambas as partes não fossem lesadas, criando uma adequação ao horário de aula dos alunos e à nossa disponibilidade. Foram levados em consideração alguns atravessamentos a qual nossa proposta inicial estava sujeita, como trabalhar com um número reduzido de participantes que poderia variar de acordo com o ritmo escolar e dispondo de um curto período de tempo em que o trabalho seria realizado.

Ao final dos encontros, a equipe se reunia para discutir os principais pontos abordados pelos alunos durante o período de discussão e debates, para assim, programar a próxima ação. Nesse sentido, utilizando dos aspectos levantados pelos encontros, registrava-se em ata de

reunião, o que foi conversado, além de consolidar as estratégias de intervenção nos encontros subsequentes. Assim, o material das atas, assim como a fala dos próprios alunos apresentadas durante todo o processo de orientação profissional, constituiu-se como fonte de programação das ações e intervenções.

O primeiro encontro, teve como objetivo selecionar os alunos que se voluntariaram para participar da oficina, assim como apresentar as propostas do trabalho que seria realizado. Durante o encontro, realizamos a técnica “História do Nome” (LISBOA; SOARES, 2000), cuja técnica, permite ao participante contar, através do próprio nome, um pouco de si, sua família, sua vida, seus gostos e de como seu nome foi escolhido. Assim, com o propósito de compartilhar um pouco da história pessoal de cada um, é possível trabalhar a questão da autonomia e poder de escolha, que reflete nas próprias decisões no que tange à escolha profissional. Foram colhidas ainda, informações adicionais como a escolha do possível curso e se os alunos já trabalhavam ou não.

No segundo encontro foi decidido a realização da técnica de “Exercício de Introspecção” (LISBOA; SOARES, 2000); nesta técnica, os participantes respondem às seguintes perguntas: ‘o que eu faço bem?’, ‘o que eu gostaria de fazer melhor?’, ‘o que eu não gosto mas tenho de fazer na minha situação atual?’, ‘que aspiração ainda não transformei em ação?’, ‘o que me falta para transformá-la em realidade?’ e ‘o que depende de mim e o que não depende de mim para que isso ocorra?’. Assim, através destas reflexões, é possível explorar gostos, predileções e vontades dos estudantes, permitindo uma orientação mais específica e mais diretiva àquilo que se pretende seguir na carreira profissional.

O terceiro encontro objetivou proporcionar um conhecimento maior acerca das profissões, assim como promover uma reflexão sobre a escolha profissional decidida, até então, por cada aluno. Dessa forma, utilizamos a “Técnica de Relações-Ocupações” (BOHOSLAVSKY, 1977) com o intuito de estabelecer, através de uma atividade lúdica, uma relação entre profissões e ocupações em relação às escolhas e preferências pessoais de cada estudante. Ao final do encontro, solicitamos que cada estudante escrevesse uma carta direcionada a eles mesmos num futuro próximo, e que esta carta fosse entregue no último encontro, ao final da oficina. Com esta técnica, nomeada de “Técnica da Carta”, criada pelos acadêmicos que conduziram o processo de orientação profissional, pretendíamos promover uma reflexão sobre as expectativas profissionais do passado e o possível sucesso profissional alcançado no futuro, levando em conta os processos de subjetivação que perpassam desde o momento de escrita da carta até o momento em que ela fosse recebida.

A fim de refletir sobre o mercado de trabalho e as possibilidades de escolha profissional, tanto quanto as oportunidades de uma profissão, foi trabalhada a “Técnica dos Bombons” (LEVENFUS, 1977), em que, os estudantes escolhiam dentro das opções de bombons dentro de uma caixa, àquele que mais desejavam. Nesse sentido, a reflexão desta técnica foi para que pudessem compartilhar experiências profissionais, avaliar o nível de conhecimento acerca do mercado de trabalho, das implicações que podem surgir de uma escolha profissional e da distribuição de oportunidades. Além disso, a técnica é corroborativa no sentido de permitir a integração entre os estudantes, seja pela escolha do bombom associada à escolha profissional, seja pelos gostos que revelam particularidades a serem levadas em conta no momento de exercer uma profissão.

Por fim, no último encontro realizado com a turma, foi trabalhada a técnica adaptada “Batata Quente”, em que os estudantes pudessem refletir sobre todo o processo que passaram conosco quanto a orientação profissional e colocar, assim, possíveis dúvidas, anseios, questões, sugestões e elogios que pudessem obter.

4 DISCUSSÃO

A oficina, subdivida em cinco encontros tiveram uma adesão aquém do esperado por parte dos alunos. Comparecerem em peso, a todos os encontros, um número satisfatório de estudantes, mostrando-se interessados no trabalho realizado e sendo receptivos aos acadêmicos de psicologia. O período da oficina, acordado com os professores, a diretora e com os próprios alunos, foi fator decisivo para a realização da orientação. Destaca-se a cordialidade do corpo docente e prontidão em fornecer-nos o espaço para trabalhar com os alunos.

Pode-se considerar de início, que a visão do grupo ao qual foi acompanhado rompe com a visão apresentada por Lucchiari (1993), de que alunos do segundo grau, tem uma imagem deturpada de que são imaturos e despreparados, afinal, os membros do grupo acompanhado, detinham conhecimento sobre as escolhas profissionais e além disso, já se preparavam para entrada no mercado de trabalho. Sendo assim, todos os alunos que participaram da orientação profissional demonstraram interesse em uma profissão ou um curso superior.

No primeiro encontro, cuja temática voltava-se à apresentação de interesses profissionais dos alunos, foi possível notar a diversidade de carreiras as quais os estudantes gostariam de seguir. Além disso, foi demonstrado que a maioria deles já haviam pesquisado e pensado sobre quais os passos que deveriam seguir para alcançar tal objetivo. Nem todos pretendem

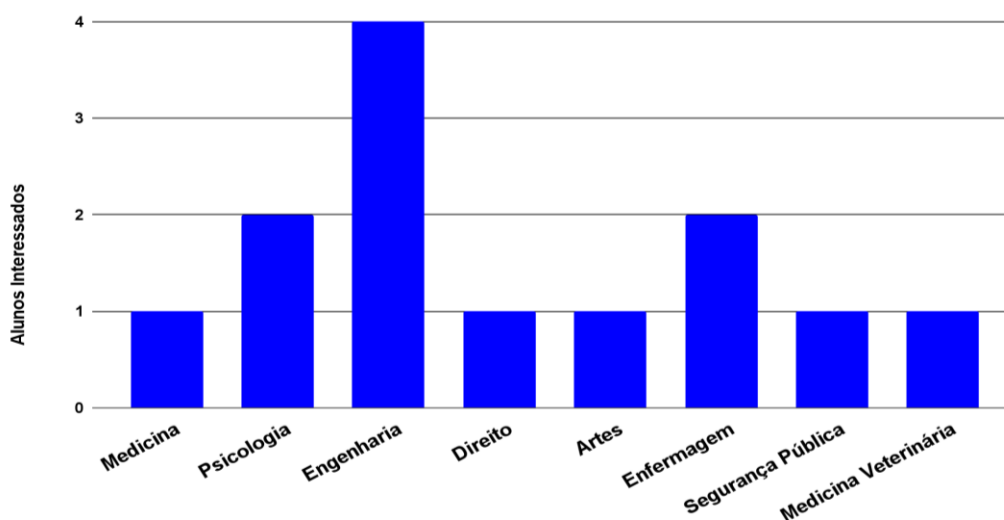
fazer um curso de graduação, mas têm a intenção de buscar algum tipo de especialização e qualificação para conseguirem trabalharem com seus respectivos interesses.

Observando a abordagem destas influências familiares, foi proposto no encontro seguinte, o ‘Exercício de Introspecção’ para que os alunos refletissem sobre suas próprias vidas em cima de temas como a influência dos pais, da escola e dos professores na escolha da profissão. Os alunos escreveram suas considerações em um papel entregue por nós, acadêmicos. A partir desta atividade, foi perceptível que de modo geral, os estudantes não relataram uma interferência negativa dos pais, dizendo que estes os apoiam, mas não apresentam interesse em modificar suas opções quanto à escolha profissional. Desta forma, foi percebido que os pais enquanto trabalhadores, influenciam na condição de exemplo para alguns dos filhos, mas não orientam e nem conversam efetivamente com eles sobre os seus sonhos e interesses. Mesmo que não haja de fato uma interferência por parte dos pais, os filhos podem apresentar como aborda Freitas, Sousa e Júnior (2012) o medo de errar ou decepcionar os familiares.

Durante a exploração sobre o tema da influência do corpo docente na escolha profissional, houve uma discussão onde os alunos votaram em sim ou não, para o sentimento de acolhimento e possibilidade de contato com os professores para conversarem sobre isso. Sendo assim, apenas 6 alunos relataram que já tiveram a oportunidade ou se sentiram ajudados por eles no momento de escolha profissional; alguns disseram ainda que a escola não os auxilia nesta etapa, e que se sentem desamparados em relação a isso. No entanto, foi relatado que alguns professores os ajudam na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas que no geral não têm um espaço para conversarem sobre profissões e sonhos.

Em decorrência desses fatos, percebemos que os jovens procuram informações por si mesmos, muitas vezes, não filtrando àquela necessária à sua escolha profissional, uma vez que foi falado ainda que tiveram que pesquisar sozinhos sobre o que gostavam de fazer. Visto que o avanço tecnológico, conforme explicita Paiva (2016), e os mecanismos de pesquisa na internet são variados, é considerável que este é um fator positivo para a escolha da profissão, onde é possível pesquisar e conhecer de forma prática quais as possibilidades e etapas para se alcançar um objetivo, ou até mesmo para descobrir novos interesses e afinidades.

Figura 1 - Gráfico de Interesses Profissionais



Fonte: elaborado pelos autores

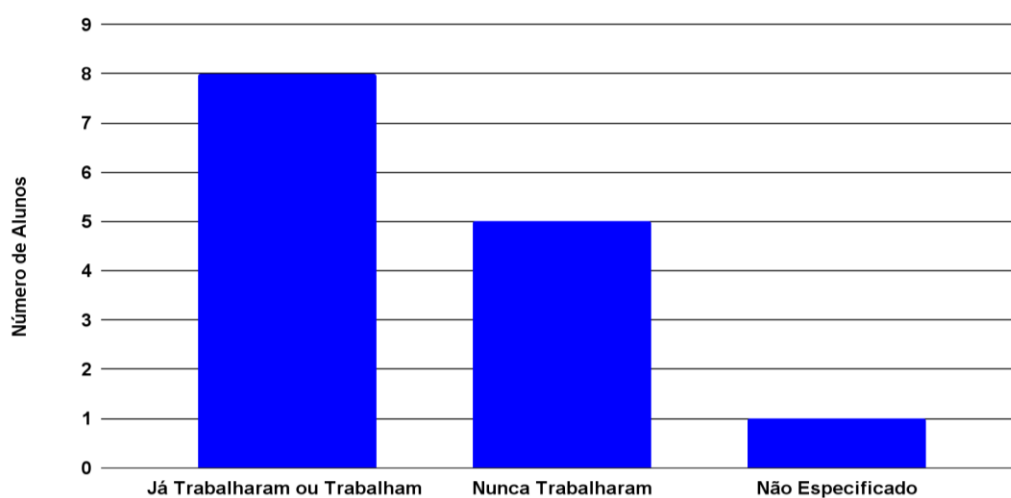
Diante desses fatos, com a coleta e informações acerca das escolhas profissionais, com a realização das dinâmicas realizadas no primeiro e segundo encontros, foi possível obter um dado estatístico quanto a que carreira, os alunos pretendiam seguir após o ensino médio (Gráfico 1). Tal discussão ficou mais clara no terceiro encontro, em que foi feita a dinâmica de ‘Relações e Ocupações - R.O’ (BOHOSLAVSKY, 1977), que permitiu uma reflexão sobre as escolhas feitas e os verdadeiros interesses. Neste momento os alunos relataram o motivo das escolhas, e produziram em seus discursos os seus próprios motivos para seguir em frente na proposta eleita por si mesmos. Alguns estudantes relataram também influências familiares que interferem neste momento decisório. Portanto, o resultado principal desse segundo encontro foi a certeza, que alguns alunos apresentaram, na escolha profissional.

Como atividade de autorreflexão, foi sugerido que eles escrevessem uma carta para si mesmos, relatando o que eles quisessem dizer para si próprios. A única condição era deixar a escrita dirigindo exclusivamente para si. De acordo com as cartas apresentadas, ao final dos 4 encontros, os alunos demonstraram capacidade de planejamento em relação ao futuro, e alguns conseguiram até mesmo falar um pouco de si mesmos, de dificuldades enfrentadas e até mesmo de superação destes obstáculos. Essa etapa foi importante para a percepção dos elementos que podem vir a ser dificultadores da construção do projeto de vida, porém se preparar para enfrentar essas possíveis intercorrências, pode ser um facilitador da vivência destes momentos que talvez venham a ser difíceis.

Posteriormente foi aplicado a ‘Técnica dos Bombons’ (LEVENFUS, 2010) onde os alunos puderam compartilhar suas frustrações ao serem desfavorecidos pela localização em que se encontravam na sala, já que os primeiros puderam escolher melhores bombons do que os outros, e ainda, deixando uma aluna sem a oportunidade de ganhar o seu. Nesta atividade, os alunos acabaram abordando a questão das dificuldades enfrentadas por eles para conseguirem alcançar seus objetivos que às vezes parecem muito distantes de suas realidades. Ainda, trazendo uma reflexão sobre o mercado de trabalho e oportunidades profissionais, foi obtido o dado de que alguns dos alunos, já tinham uma profissão e sabiam como é o mercado de trabalho, outros ainda revelaram uma dependência financeira em relação aos pais. Além disso, foi compartilhado a intenção de continuar na atual profissão, com a necessidade apenas de fazer uma especialização, o que é diferente daqueles que ainda vão tomar conhecimento do que realmente é estar exercendo alguma atividade profissional, ou até mesmo ingressando em um novo curso, e em um novo espaço que é o da universidade.

Conforme a representação gráfica, pode-se perceber a grande maioria dos alunos já tiveram ou possuem algum vínculo empregatício em relação aos que nunca trabalharam, o que permite inferir que alguns deles, conhecem mais de perto o mercado de trabalho, dos desafios, oportunidades e dificuldades que possam ser encontradas na busca por emprego.

Figura 2 - alunos que já trabalharam ou trabalham atualmente x alunos que nunca trabalharam.



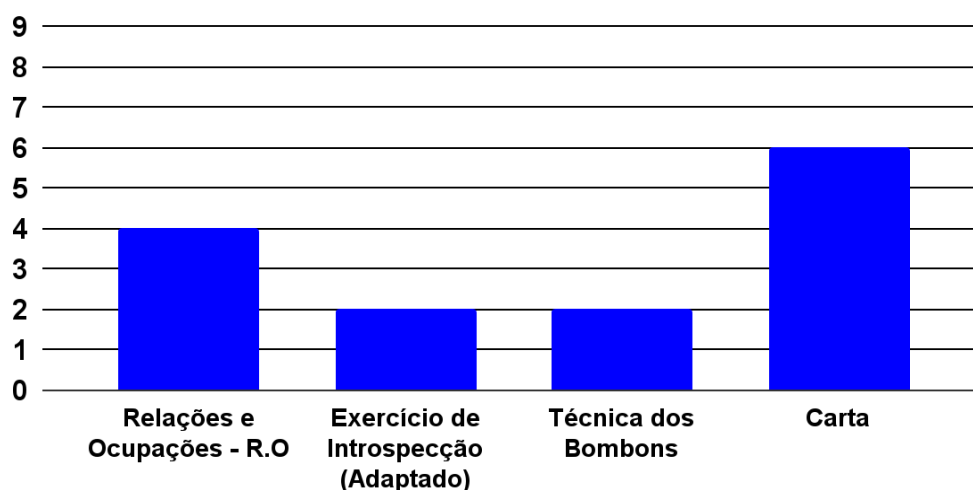
Fonte: Elaborado pelos alunos.

Ainda, de acordo com os dados obtidos, é possível relacionar a fala dos estudantes em relação às suas inseguranças quanto à vida profissional. Aqueles que demonstraram mais inte-

resse e uma maior expectativa em relação à vida acadêmica, são justamente os alunos que nunca tiveram um vínculo com uma ocupação de trabalho, e, portanto, não têm nenhuma amostra do que venha a ser a prática de determinado trabalho. Contudo, os que já tiveram ou têm alguma ocupação conseguiram discernir melhor algumas ocasiões e possibilidades com base em suas experiências anteriores, ou até mesmo, saber qual o próximo passo para conseguir se especializar na área relacionada a sua profissão. Neste contexto é possível perceber que a falta de experiência e essa fase de transição da escola para a vida acadêmica e profissional, exige muitas tomadas de decisão e certa habilidade de adaptação aos novos espaços sociais que eles passam a ocupar.

O fato de a PUC Minas estar aberta para a divulgação do vestibular, despertou interesse dos alunos em saber quais os dias e horários dos eventos, bem como se havia a possibilidade de conseguirem um comprovante de presença para que pudessem apresentar no dia seguinte em seus trabalhos, tais questionamentos foram solucionados e o convite para a participação deles ao evento “PUC Aberta” foi ressaltado. A iniciativa de perguntar sobre o evento, demonstrou uma preocupação e curiosidade de participar e conhecer os cursos que eles têm interesse. Ademais, a oportunidade de conhecer o ambiente acadêmico antes mesmo de se matricular em algum curso pode auxiliar na insegurança de estar em um novo espaço, que não seja o da escola, e até mesmo despertar novos interesses.

No último dia, foi proposto ainda que jogássemos “Batata Quente” onde os estudantes sentaram-se em roda e um objeto escolhido por nós foi dado à um deles para que fosse passado de um por um durante a execução da música “Vou Deixar” (ROSA, ALMEIDA, 2003) da Banda Skank. A instrução da brincadeira era: ao pausar a música, a pessoa que estivesse com o objeto falava suas impressões sobre os encontros e qual a atividade que mais gostou de fazer. Os alunos gostaram bastante do jogo e se divertiram durante a brincadeira, e todos eles participaram deste momento de feedback. Apontando suas concepções e aprendizados sobre o processo de orientação realizado na escola. A próxima representação gráfica, refere-se aos dados obtidos pela opinião dos alunos sobre as atividades propostas:

Figura 3 - Preferências das atividades propostas

Fonte: elaborado pelos autores

Desta forma, conclui-se aqui a amostra de dados e impressões obtidos durante a prática extensionista relatada neste artigo foram tidas como satisfatórias pelos alunos que foram público da orientação profissional. Obtivemos um feedback positivo deste último encontro, levando em conta a fala dos estudantes que se concentram muito em ver o lado benéfico para todos.

“Gostei de todas as técnicas, principalmente as questões [Exercício de Introspecção]. Gostei das pessoas, aprendi bastante, porque a escola não ajuda muito. Queria agradecer a visita de vocês” (A. C. 16 anos)

“Eu achei muito interessante, a escola não dá esse suporte sobre a escolha da profissão. Tinha medo em relação ao que seguir por não ter tanto apoio” (M. 16 anos)

“Gostei de todas as atividades porque me fizeram pensar na profissão a seguir, e vi que depende de mim nas escolhas que vão me guiar no futuro” (B. 17 anos)

Nota-se, contudo, que as técnicas favorecem a reflexão sobre questões pessoais e também, por vezes, sociais, permitindo pensar papéis e situações. É válido ainda ressaltar que a participação dos alunos foi motor para a realização dos encontros, reiterando o comprometimento, empenho e dedicação com o nosso trabalho. Colhendo boas experiências e relatos, é possível criar uma atitude crítica aos processos de aprendizagem, às questões sociais, às implicações que surgem na fase da adolescência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às considerações destes pesquisadores, o fato de lidarmos com uma turma de adolescentes, e ao contexto escolar, trouxe uma lembrança da época de estudantes de ensino médio, bem como dos receios enfrentados por nós durante esta fase da vida. Alguns do grupo puderam compartilhar experiências com os estudantes, no sentido de colocar que eles podem fazer escolhas hoje e que talvez lá na frente eles criem novas expectativas e novos interesses que mudem o direcionamento deles para determinada profissão. O exercício de lembrar deste processo permitiu uma reflexão sobre os caminhos que nos trouxeram até a formação de psicólogos.

A experiência extensionista em si, também trouxe benefícios não só para nós, estudantes, como também, para os alunos, que a todo momento, se implicaram no processo, participaram prontamente das atividades e demonstraram, sobretudo, interesse e respeito pelo trabalho que realizávamos. Fato este se concretiza através dos relatos obtidos ao fim da prática, refletindo sobre todos os encontros e sobre o que foi possível obter. De maneira geral, todos os alunos concordaram que a orientação realizada foi fator expoente para uma certeza de escolha profissional, pois foi possível ceder espaço à uma discussão pouco recorrente no ambiente de sala de aula. Os relatos se findam na gratidão pela troca de experiências e no sentimento de reciprocidade que se fez durante todos os encontros realizados.

A partir da Orientação Profissional dos alunos da escola belorizontina, foi possível perceber a necessidade de haver trabalhos de sensibilização como estes em escolas seja ela de ordem pública ou particular. Os alunos possuem a necessidade de discutirem sobre seus sonhos e perspectivas, e considerá-los a partir de seu contexto social e de vida. Os professores na tentativa de ajudar os alunos, buscam prepará-los para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio, que é uma das principais portas de entrada dos estudantes para a formação acadêmica, porém não possuem mecanismos e auxílio de outros profissionais em relação a orientação dos alunos considerando suas particularidades. Essa afirmação nos remete a necessidade do profissional de Psicologia dentro do contexto escolar, que só poderá atribuir valor não somente no corpo de funcionários, mas na medida em que propicie momentos de reflexão, de orientação, apoio e acolhimento de demandas que se fazem presentes na dinâmica escolar. Reiteramos o valor único da reciprocidade na troca de experiências e no benefício pessoal que a prática extensionista nos trouxe, deixando-nos a certeza de que também, como estudantes de psicologia, pudemos realizar uma boa escolha profissional: da ciência que abar-

ca o sujeito em sua integridade e permite ajudá-lo a desenovelar suas questões mais singulares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luis Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica** Rio de Janeiro. 2008, vol.20, n.2, pp.173-184. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000200013&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 23 out 2017.

ANDRADE, Josemberg M. de; MEIRA, Girlene R. de Jesus Maia & VASCONCELOS, Zandre B. de. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia Ciência e Profissão**. v. 22 n. 3, Brasília, Setembro/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300008> Acesso em 20 ago 2017.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ESBROGEO, Marystella Carvalho. Avaliação da orientação profissional em grupo: o papel da informação no desenvolvimento da maturidade para a escolha da carreira. **Universidade de São Paulo**. Ribeirão Preto. 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-20052009-215340/pt-br.php>> Acesso em 23 out 2017.

FERREIRA, T. H. Schoen; FARIAS, M. Aznar; SILVARES, E. F de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**. n. 8 v. 1., 2003. p. 107-115. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>> Acesso em 20 ago 2017.

FREITAS, Ana Cláudia Leal de; SOUSA, Robson Rocha de; JÚNIOR, César Rota. A influência da família na escolha profissional do sujeito adolescente. In: CONGRESSO NORTE MINEIRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 4, 2012. Montes Claros. **Anais**. Disponível em <http://www.coped-nm.com.br/quarto/images/anais_4/formacao_de_professores_e_praticas_pedagogicas/A_INFLUENCIA_DA_FAMILIA_NA_ESCOLHA_PROFISSIONAL_DO_SUJEITO_ADOLESCENTE.pdf> Acesso em 23 out 2017.

FONSECA, João César de Freitas. **Adolescência e Trabalho**. São Paulo: Summus, 2003. 116 p.

LEVENFUS, R. S. Orientação vocacional ocupacional, abordagem grupal: teoria e técnica. In: RS Levenfus & Cols., **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 257-268,.

LEVENFUS, Rosane S. e cols. **Orientação Vocacional Ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação profissional em ação:** formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2000.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. Orientação profissional na escola - segundo grau. In: LUCCHIARI, Dulce Helen a Penna Soares. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. 5 ed. São Paulo: Summus, 1993. p. 85-89.

MELO-SILVA, Lucy Leal; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n. 2, São Paulo dez/2004. p. 31-52. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200007> Acesso em 24 out 2017.

PRIMI, *et al.* Desenvolvimentos de um Inventário de levantamento das dificuldades da Decisão Profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. São Paulo mar/2000. p. 454. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a13>> Acesso em 30 out 2017.

ROEHRS, Hellen et al. Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 44 n. 2 São Paulo jun/2010. p. 421-428. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200026> Acesso em 26 out 2017.

SOARES, Dulce Helena Penna. A formação do orientador profissional: o estado da arte no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 3 n. 1 Porto Alegre, jun/1999. 15 p. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rabop/v3n1/v3n1a02.pdf>> Acesso em 24 out 2017.

SOARES, D. H. P.; KRAWULSKI, E. Modalidades de trabalho e utilização de técnicas em orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. et al. **Orientação vocacional ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. cap. 20.

SOARES, Dulce Helena Penna *et al.* Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27 n.4, 2007. p. 746-759. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n4/v27n4a14.pdf>> Acesso em 24 out 2017.

PAIVA, Thais. Orientação profissional: como auxiliar o jovem na escolha da carreira? **Carta Capital**, São Paulo, 8 mar 2016. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/orientacao-profissional-como-auxiliar-o-jovem-na-escolha-da-carreira/>> Acesso em 25 out 2017.